



**EDUCAÇÃO
E REALIDADE**

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

EDUCAÇÃO E REALIDADE

3

Porto Alegre, janeiro de 1978

EDUCAÇÃO E REALIDADE — Nº 3 — janeiro de 1978

CONSELHO EDITORIAL

Presidente: Prof. Gilberto Mucilo de Medeiros

Membros: Profa. Dra. Flávia Maria Sant'Anna

Prof. Dr. Juan José M. Mosquera

Profa. Dra. Juracy C. Marques

Profa. Luzia Garcia de Mello

Coordenação Executiva: Prof. Rovílio Costa

Diagramação e Arte: Profa. Denyse Alcalde Vieira

Consultores

Prof. Álvaro Magalhães (UFRGS)

Profa. Ana Iris do Amaral (UFRGS)

Prof. Roberto Costa Fachin (UFRGS)

Prof. Dr. Luis Alberto de Boni (UCS)

Prof. Ir. Faustino João (PUCRS)

Prof. Dr. Tarcísio G. Della Senta (CNPq)

Prof. Dr. Darcy Closs (CAPES)

Prof. Dr. Benno Sander (OEA)

Profa. Dra. Eva Van Ditmar (FAO)

Profa. Dra. Vera M. F. Candau

Prof. Pe. Alcides Guareschi (Univ. Passo Fundo)

Prof. Ângelo D. Salvador (Sociedade Lit. S. Boaventura)

Distribuição

Faculdade de Educação (UFRGS)

Rua Paulo Gama, s/n

90.000 — Porto Alegre — RS

PROCEDIMENTOS PARA VERIFICAR A VALIDADE E FIDEDIGNIDADE DE MEDIDAS DE AUTO-ESTIMA

*EUZA MARIA DE REZENDE BONAMIGO**

*VANI RUIZ VIESSI***

INTRODUÇÃO

O êxito em qualquer situação leva o indivíduo a auto-valorizar-se. Este sentimento, por sua vez, facilita a realização de tarefas cada vez mais complexas e exitosas.

De acordo com Cruz e Esposito (1972, p. 28) "a preponderância de experiências bem sucedidas ajuda a criança a pensar positivamente sobre si e suas capacidades".

Por outro lado, o fracasso conduz à baixa auto-estima e sentimento de incompetência.

O problema da auto-estima tem sido estudado por vários psicólogos e sociólogos, entre eles, Mead, Cooley e James (apud Coopersmith, 1967).

A importância do assunto é destacável uma vez que a auto-estima domina a vida subjetiva do indivíduo influenciando, em grande parte, seus pensamentos, sentimentos e comportamentos.

Especialmente para Benne e Greene (1969), Coopersmith (1973) e Riessman (1964), a imagem que o indivíduo tem de si mesmo é produto da interação social. A família, levando-se em conta a classe social a que pertence, o bairro de moradia, a filiação religiosa, os ideais, assim como a comunidade que a criança frequenta, determinam a auto-avaliação do indivíduo e do seu desempenho.

Outro fator bastante enfatizado é o relativo à ação da escola sobre a criança e particularmente sobre a sua auto-estima.

Considerando que a escola quase sempre não está ajustada às reais condições do aluno, este tende ao fracasso. Este resultado perturba profundamente a criança pois ela sofre a pressão da família, dos professores e dos colegas, renunciando seu insucesso na vida. Este clima evidentemente não é o mais favorável para o desenvolvimento da auto-estima.

Uma vez que o sentimento aqui referido está sujeito a aprendizagem e a modificações, parece possível controlar experiências de sucesso ou de fracasso com vistas a atingir um certo produto relativo a auto-estima.

* Dra. em Psicologia Educacional. Professora dos Cursos de Pós-graduação em Educação da UFRGS.

** Mestra em Educação pela UFRGS.

Além disso, se é possível observar, ou, pelo menos, inferir sobre a auto-estima deveria ser possível mensurá-la. Para isto são conhecidos alguns instrumentos, entre eles o de Coopersmith (1967) e o de Rosenberg (1973).

A Escala de Rosenberg, destinada a adolescentes, compreende dez sub-escalas, tais como: auto-estima, estabilidade de si mesmo, confiança nos outros, sensibilidade à crítica, sintonia psicossomática, fantasia, interesse dos pais e intensidade de discussão.

A escala utilizada por Rosenberg encontra-se validada em relação a sujeitos de várias idades e condições, a nível internacional. A nível local, tem-se conhecimento de seu uso apenas com adolescentes (Mosquera, 1964).

O Inventário de auto-estima de Coopersmith é composto de 58 itens, abrangendo quatro subescalas: em geral, o eu social, a família e a escola.

Foi desenvolvido, originalmente, para sujeitos de 9 a 14 anos e avalia a criança através das respostas a duas situações "eu sou assim" e "eu não sou assim".

Seus resultados podem ser agrupados em três níveis: alta, média e baixa auto-estima. Sujeitos de alta auto-estima são identificados como portadores de segurança, participação constante e corretas nas atividades escolares, sociais e familiares, facilidade de adaptação às novas situações, bom rendimento escolar, independência, auto-determinação, humor constante, etc. enquanto que os de baixa auto-estima apresentam características opostas a estas.

Quanto ao inventário de auto-estima de Coopersmith, não se tem notícias de que o mesmo tenha sido utilizado em nosso meio.

Por tal razão, foi feito o presente trabalho com o objetivo de se testar a viabilidade do uso desses dois instrumentos para medir auto-estima em escolares do primeiro grau e de nível sócio-econômico inferior.

PROCEDIMENTOS E RESULTADOS

Escala de Rosenberg

Inicialmente foi usada a Escala de Rosenberg com 20 sujeitos, sendo 10 meninos e 10 meninas, com idade entre 11 a 13 anos.

Uma vez que essas crianças não conseguiam ler com compreensão, optou-se pela entrevista individual através da qual cada criança respondia às perguntas feitas pela entrevistadora, acompanhando-a com uma Escala mimeografada que lhe era entregue antes da entrevista.

Como o instrumento solicitava da criança sua posição num dos pontos da Escala (concordo plenamente/ concordo/ discordo/ discordo

totalmente) era de se esperar, que os vários sujeitos respondessem diferentemente.

Após serem testadas doze crianças, verificou-se que as respostas eram sempre “concordo”, muitas vezes contraditórias em relação aos vários itens da Escala. Pareceu evidente que não estava havendo adequação do instrumento ao tipo e condições dos sujeitos, ou que, pelo menos, esses não discriminavam o que se pretendia.

Resolveu-se, então, aplicar a mesma escala a sujeitos de outra faixa etária.

Nesta 2a. etapa, testou-se vinte e dois (22) sujeitos institucionalizados,* sendo doze meninos e dez meninas, os quais apresentavam semelhanças entre si em relação à idade (14 à 16 anos) nível sócio-econômico e tipo de infração social cometida (nível leve). Por sua vez a escolaridade desses sujeitos variava de analfabetos até a 4a. série do 1º grau.

A aplicação da Escala de Rosenberg foi feita através de entrevista individual.

Uma vez que se pretendia testar a equivalência de formas, a escala original constitui o modelo A e o modelo B foi obtido colocando-se em forma oposta os itens da mesma, ou seja, quando no modelo A eles eram apresentados em forma positiva, esta passava para a negativa no modelo B e vice-versa.

Numa 1ª sessão, metade dos sujeitos foi submetida ao modelo A, enquanto que a outra metade respondia ao modelo B.

Após um espaço de 12 dias, foi feita uma segunda aplicação, de tal modo que o grupo, que respondeu na primeira vez a um modelo, agora respondesse ao outro modelo.

Por ocasião da aplicação desses instrumentos, percebeu-se que estes sujeitos institucionalizados manifestavam-se um tanto arredios em relação ao fato de terem que ser entrevistados, uma vez que, por serem considerados pré-delinquentes tinham experiências negativas anteriores quanto a interrogatórios.

Para resolver tal situação, a entrevistadora deixou que dois meninos voluntários entrassem e dialogassem a respeito da atividade que seria desenvolvida. Estes dois meninos depois de esclarecidos, responderam às perguntas (por entrevista) e pediu-se que eles transmitissem aos colegas o objetivo da Escala, da entrevistadora dizendo-se que não precisavam temer nenhuma consequência.

As respostas destes meninos, nas duas testagens, não foram consideradas, para evitar qualquer tendenciosidade nos resultados.

*Sujeitos institucionalizados são os que recebem atendimento em instituições de assistência social, no caso, para menores

TABELA 1

Resultados Obtidos na 1ª e 2ª Aplicação da Escala de Rosenberg para Medida da Auto-estima em sujeitos do Sexo Feminino.

MENINAS	x(1a. apl.)	x(2a. apl.)	x ²	y ²	xy
1	10	10	100	100	100
2	10	9	100	81	90
3	9	6	81	36	54
4	4	5	16	25	20
5	9	8	81	64	72
6	9	5	81	25	45
7	9	8	81	64	72
8	4	6	16	36	24
9	8	8	64	64	64
10	7	5	49	25	35
Σ	79	70	669	520	576
MÉDIA	7,9	7,0			

Coefficiente de correlação calculado pela fórmula de Pearson:

$$r_{xy} = \frac{\sum xy - \bar{X} \bar{Y}}{S_x S_y} = 0,72 = \text{Existe uma forte correlação positiva entre as variáveis.}$$

TABELA 2

Resultados Obtidos na 1ª e 2ª Aplicação da Escala de Rosenberg para Medida da Auto-estima em Sujeitos do Sexo Masculino.

MENINOS	X1a. apl.	Y2a. apl.	X ²	Y ²	XY
1	8	6	64	36	48
2	4	3	16	9	12
3	6	8	36	64	48
4	5	5	25	25	25
5	9	9	81	81	81
6	3	3	9	9	9
	6	7	36	49	42
8	6	6	36	36	36
9	4	3	16	9	12
10	9	8	81	64	72
Σ	60	58	400	382	385
MÉDIA	6,0	5,8			

Coeficiente de correlação calculado pela fórmula de Pearson:

$$r_{xy} = \frac{\sum xy}{N S_x S_y} = \frac{385}{10 \cdot 2,0 \cdot 2,8} = 0,84 = \text{A correlação entre as duas aplicações da Escala, nos meninos, é alta e positiva.}$$

Não foram registradas dúvidas quanto à compreensão das perguntas e da graduação nas respostas da Escala de Rosenberg, nesta população.

Os resultados (Tabelas 1 e 2) foram analisados, tendo permitido concluir que a Escala de Rosenberg se mostrava adequada e fidedigna em relação aos sujeitos testados.

Apesar desses resultados, tomou-se conhecimento das dificuldades que seriam enfrentadas caso o experimento pretendido fosse realizado com sujeitos desta população, uma vez que eles estudavam em horários e locais diferentes, e também saíam da Instituição quando cumprida a sua pena.

Por outro lado, já que a Escala de Rosenberg não se havia demonstrado adequada à criança, surgiu a necessidade de outro instrumento de medida de auto-estima e que o mesmo fosse viável com sujeitos de 11 a 13 anos, não institucionalizados, de nível sócio-econômico baixo e matriculados na 4ª série do 1º Grau da Escola Regular.

Inventário de Coopersmith

O instrumento escolhido foi o inventário de auto-estima de Stanley Coopersmith (1967) por parecer apresentar condições favoráveis de utilização no experimento definitivo.

Não se encontrando, em pesquisas educacionais com crianças brasileiras de nível sócio-econômico baixo, a utilização deste Inventário para medida da auto-estima, realizou-se uma série de provas a fim de validá-lo para a realidade da população em estudo.

Primeiramente realizou-se a Validade de Tradução. O Inventário foi traduzido de sua forma original apresentada na obra: *The antecedents of self-esteem* de Coopersmith (1967, p. 265-266) por uma tradutora-intérprete, brasileira nata e com curso de especialização. Nesta fase de trabalho, contou-se, com o auxílio de cinco crianças de classe pobre, sendo duas de 11 anos, duas de 12 anos e uma de 13 anos, as quais opinavam sobre os termos expressos nos enunciados, e sobre os que elas mais utilizavam em sua comunicação cotidiana.

A seguir, esta tradução foi entregue a dois sujeitos americanos natos, de formação acadêmica superior (sendo um deles Ph. D.) que individualmente a passaram do Português ao Inglês.

Esta forma em Inglês foi comparada à original por um sujeito brasileiro, também com curso superior completo e que estivera por dois anos nos Estados Unidos. Esta comparação não apresentou qualquer diferença significativa em nenhuma das traduções e em qualquer dos itens.

Assim concluiu-se pela validade de tradução, uma vez que não foram constatadas diferenças significativas em qualquer momento.

Outra prova a que foi submetido o Inventário de auto-estima de Coopersmith (1967) foi a Validade de Conteúdo. Para tal, o mesmo passou pelo julgamento de três professores, todos do curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Os três juízes procuravam identificar se os itens deste Inventário estavam ou não de acordo com a realidade da criança pobre de nosso meio, e se fosse o caso, deveriam sugerir a modificação.

Estes professores — juízes consideraram todos os itens adequados a esta clientela e não sugeriram qualquer retirada ou inclusão de itens, tornando assim válido o conteúdo deste inventário.

Estando validadas a tradução e o conteúdo do Inventário de auto-estima de Coopersmith, passou-se à sua testagem com a população selecionada.

Foram escolhidos aleatoriamente vinte (20) sujeitos, sendo 10 meninos e 10 meninas, de um Grupo Escolar situado em área de baixo nível sócio-econômico, da cidade de Porto Alegre, que apresentavam as condições antes referidas.

Num primeiro momento, o Inventário foi aplicado aos alunos e a uma professora, que ensinava a dez deles, por mais de dois anos e portanto já os conhecia com certa segurança.

Os alunos saíam de sua sala de aula em grupos de cinco (5) elementos cada vez e dirigiam-se para uma sala, anteriormente preparada, onde respondiam, individualmente, aos 58 itens do Inventário.

A professora respondeu ao mesmo Inventário, avaliando cada um dos dez alunos. Seu Trabalho ocorreu em sala separada da dos alunos, ao mesmo tempo em que eles também respondiam ao instrumento.

Ao terminarem de responder ao inventário, solicitou-se aos alunos e à professora que opinassem quanto à dificuldade e/ou, facilidade de compreensão dos itens; linguagem usada e a sua adequação. Suas opiniões foram unânimes, e consideraram o inventário como fácil e “gostoso” de ser respondido.

O segundo momento de testagem do Inventário, ocorreu após vinte dias da primeira aplicação. Repetiu-se com os sujeitos todas as situações já especificadas. Apenas não se solicitou da professora a segunda resposta ao inventário.

Estabeleceu-se com um estatístico (prof. Ph. D. dos Cursos de Pós-Graduação em Educação da UFRGS), que a colocação do aluno entre 111 a 97 pontos seria considerado como de auto-estima alta, que sua colocação entre 96 a 78 pontos seria considerado de auto-estima média, e que entre 77 a 58 pontos seria situado como aluno de auto-estima baixa. Procedimento semelhante foi adotado por Trowbridge (1972).

Após o estabelecimento desta contagem, procedeu-se primeiramente à análise das respostas dos dez alunos e da professora. Depois fez-se a análise dos dados obtidos dos 20 sujeitos entre a 1ª e 2ª aplicação.

Empregando-se o cálculo do coeficiente de correlação de Pearson para verificar a fidedignidade do Inventário das duas situações já descritas, (alunos x professora e alunos na 1ª e 2ª aplicações), conforme Tabelas 3 e 4, obteve-se um nível de correlação de 0,94 sendo portanto alta e positiva, segundo Siegel (1975).

TABELA 3

Pontos obtidos pelos alunos e pelo professor no Inventário de Coopersmith.

ALUNOS	X(Prof.)	Y(Al.)	X ²	Y ²	XY
1	89	97	7.921	9.409	8.633
2	105	106	11.025	11.236	11.130
3	89	89	7.921	7.921	7.921
4	96	99	9.216	9.801	9.504
5	77	75	5.625	5.625	5.775
6	85	85	7.225	7.225	7.225
7	102	97	10.404	9.409	9.894
8	86	85	7.396	7.225	7.310
9	92	91	8.464	8.281	8.372
10	99	98	9.801	9.604	9.702
	920	922	85.302	85.736	85.466
MÉDIA	92,0	92,2			

$$r_{xy} = 0,94$$

TABELA 4

Pontos obtidos pelos alunos na 1ª e 2ª aplicação do Inventário de Coopersmith.

ALUNOS	1a. aplic. X	2a. aplic. Y	X ²	Y ²	XY
1	97	96	9.409	9.216	9.313
2	106	105	11.236	11.025	11.130
3	89	92	7.921	8.464	8.188
4	96	99	9.216	9.801	9.504
5	75	76	5.625	5.776	5.700
6	85	82	7.225	6.724	6.970
7	97	98	9.409	9.604	9.506
8	85	85	7.225	7.225	7.225
9	91	87	8.281	7.569	7.917
10	98	96	9.604	9.216	9.408
11	104	95	10.816	9.025	9.880
12	84	85	7.056	7.225	7.140
13	95	90	9.025	8.100	8.550
14	89	91	7.921	8.281	8.099
15	96	98	9.216	9.604	9.408
16	99	96	9.801	9.216	9.504
17	81	80	6.561	6.400	6.480
18	80	76	6.400	5.776	6.080
19	66	71	4.366	5.041	4.686
20	75	77	5.625	5.929	5.775
	1.788	1.775	161.938	159.217	160.463
MÉDIA	89,4	88,7			

$$r_{xy} = 0,94$$

CONCLUSÃO

Ao final do presente estudo, pode-se concluir que a Escala de Rosenberg, originalmente destinada a adolescentes, não se mostrou viável com crianças, de 11 a 13 anos, de escolaridade reduzida e de nível sócio-econômico baixo.

Todavia, o referido instrumento revelou-se adequado e fidedigno com sujeitos de 14 a 16 anos, institucionalizados, de nível sócio-econômico inferior, com escolaridade máxima atingindo a 4ª série de 1º Grau.

Quanto ao Inventário de Coopersmith, os procedimentos utilizados, permitiram atingir Validade de Tradução e de Conteúdo, tornando o instrumento adequado para medir auto-estima em crianças de 11 a 13 anos de idade, de nível sócio-econômico baixo, de 4ª série de 1º Grau. Por outro lado, as diferentes aplicações conduziram a um índice de fidedignidade, com essa população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. COOPERSMITH, S. *The antecedents of self-esteem*. San Francisco, W.H. Freeman and Co., 1967.
2. ESPOSITO, Y.L. & CRUZ, L.M.C. Auto-conceito e sua relação com prestígio entre os colegas, nível sócio-educacional e inteligência. *CADERNOS DE PESQUISA*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1972, 6, 36-45.
3. LA BENNE, W.D. & GREENE, B.J. *Educational implications of self-concept theory*. California, Goodyear Publishing Company, Inc. 1969.
4. MOSQUERA, J.J.M. *Reações do Adolescente em face do vestibular e sua auto-estima*. Dissertação de Mestrado, apresenta aos Cursos de Pós-Graduação da UFRGS. Porto Alegre, 1974.
5. RIESSMAN, F. *Trabajo psicológico y pedagogia con niños de clases populares*. Buenos Aires, Editorial Tiempo Contemporaneo, 1974.
6. ROSENBERG, M. *La auto-imagen del adolescente y la sociedad*. Buenos Aires, Paidós, 1973.
7. SIEGEL, S. *Estatística no paramétrica aplicada a las ciencias de la conducta*. México, Trillas, 1975.
8. TROWBRIDGE, N. Self-concept and social e conomic status in elementary school children. *American Educational Research Journal*, 1972, 9(4), 525-37.